

A PSICOLOGIA COMO FERRAMENTA DE HUMANIZAÇÃO NA FORMAÇÃO MÉDICA

PSYCHOLOGY AS A TOOL FOR HUMANIZATION IN MEDICAL EDUCATION

Victoria Silva Pereira
Faculdade Brasileira de Cachoeiro – Multivix – Cachoeiro de Itapemirim-ES – Brasil
victoriasipee2015@gmail.com

Karollyn Fabiano Brandão
Faculdade Brasileira de Cachoeiro – Multivix – Cachoeiro de Itapemirim-ES – Brasil
karollynbrandao@icloud.com

Jessica Peixoto Cordeiro
Faculdade Brasileira de Cachoeiro – Multivix – Cachoeiro de Itapemirim-ES – Brasil
jessicapeixotocordeiro@gmail.com

RESUMO

Objetivo: Analisar os impactos da inserção da disciplina de Psicologia na formação médica, com foco em sua contribuição para o desenvolvimento de uma abordagem humanizada e centrada no ser biopsicossocial.

Métodos: Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada entre abril e junho de 2025, com busca nas bases SciELO, LILACS, PubMed e Google Acadêmico. Foram incluídos estudos publicados entre 2015 e 2025, nos idiomas português, espanhol e inglês. **Resultados:** Foram selecionadas 19 fontes que demonstram que a Psicologia promove competências como empatia, escuta qualificada, vínculo terapêutico e manejo emocional. Essas habilidades são essenciais para uma prática médica ética e integral. **Conclusões:** A Psicologia atua como eixo estruturante na formação de médicos sensíveis à subjetividade dos pacientes e comprometidos com o cuidado ético, empático e centrado na integralidade do ser humano.

Palavras-Chave: Psicologia. Formação médica. Humanização. Ser biopsicossocial. Saúde mental.

ABSTRACT

Objective: To analyze the impact of including Psychology in medical education, focusing on its contribution to the development of a humanized and biopsychosocial-centered approach. **Methods:** This is a narrative literature review with a qualitative approach. The research was conducted between April and June 2025 using SciELO, LILACS, PubMed, and Google Scholar. Studies published between 2015 and 2025 in Portuguese, Spanish, and English were included. **Results:** Nineteen sources were selected, showing that Psychology promotes skills such as empathy, qualified listening, therapeutic bonding, and emotional management. These skills are essential for ethical and comprehensive medical practice.

Conclusions: Psychology is a structuring axis in the training of physicians sensitive to patients' subjectivity and committed to ethical, empathetic, and humanized care.

Keywords: Psychology. Medical education. Humanization. Biopsychosocial being. Mental health.

1 Introdução

A formação médica contemporânea tem buscado cada vez mais uma abordagem holística no cuidado à saúde, abandonando a visão puramente biomédica para adotar o entendimento do ser humano como um ser biopsicossocial. Nesse contexto, a inserção da disciplina de Psicologia nos cursos de Medicina configura-se como um avanço significativo na construção de profissionais mais empáticos, conscientes e preparados para lidar com os múltiplos fatores que afetam o processo saúde-doença.

A Psicologia contribui com conhecimentos sobre o funcionamento da mente humana, emoções, comportamentos, relações interpessoais e processos subjetivos, os quais são fundamentais para a prática clínica humanizada. Por meio dessa disciplina, o estudante de Medicina tem a oportunidade de compreender aspectos emocionais e sociais do adoecimento, o que possibilita uma escuta qualificada, o fortalecimento da relação médico-paciente e a promoção de cuidados integrais.

Além disso, o ensino de Psicologia favorece o desenvolvimento de competências socioemocionais essenciais, como empatia, escuta ativa, manejo de conflitos e comunicação eficaz, habilidades indispensáveis para a prática médica ética e centrada no paciente. Tais competências colaboram para a formação de médicos comprometidos não apenas com o diagnóstico e tratamento de doenças, mas também com o cuidado integral dos sujeitos em suas dimensões física, psíquica e social.

Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar os impactos da presença da disciplina de Psicologia na educação médica, com ênfase em sua relevância como ferramenta de cuidado ao ser biopsicossocial. Pretende-se verificar se há benefícios concretos em sua inclusão na grade curricular dos cursos de Medicina, além de refletir sobre como os conhecimentos psicológicos influenciam a atuação médica diante das complexidades humanas.

Material e Métodos

Este trabalho trata-se de uma revisão narrativa de literatura com abordagem qualitativa, cujo objetivo foi analisar os impactos da disciplina de Psicologia na educação médica, tendo como foco sua contribuição para a formação de um profissional capacitado a compreender e atuar diante da complexidade do ser biopsicossocial.

A pesquisa foi realizada entre abril e junho de 2025, utilizando as seguintes bases de dados: SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-

Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PubMed e Google Acadêmico. Os descritores utilizados para a busca foram: Psicologia, Educação Médica, Currículo Médico, Ser Biopsicossocial, Humanização na Saúde e Formação Médica.

Os critérios de inclusão dos estudos foram: publicações entre os anos de 2015 a 2025, disponíveis em português, espanhol ou inglês, com acesso gratuito, que abordassem a presença da Psicologia nos cursos de Medicina e sua relação com o modelo biopsicossocial de cuidado. Foram excluídos os materiais repetidos nas plataformas, os que não apresentavam relação direta com o tema proposto e os que abordavam exclusivamente aspectos técnicos da Medicina, sem articulação com a formação humanizada.

A seleção dos artigos foi feita de forma manual, por leitura dos títulos, resumos e, posteriormente, do texto completo, priorizando-se estudos acadêmicos, dissertações, teses, documentos institucionais e artigos científicos. Ao final, foram selecionadas 19 fontes relevantes que compuseram a base de discussão da presente pesquisa.

2 Desenvolvimento

A importância da Psicologia no currículo médico

A formação médica exige, cada vez mais, um enfoque integral e interdisciplinar, capaz de preparar o futuro profissional para lidar com os múltiplos determinantes que envolvem a saúde e a doença. Nesse cenário, a inserção da Psicologia no currículo dos cursos de Medicina representa um avanço significativo na qualificação da prática clínica, pois oferece ao estudante ferramentas para compreender o ser humano como uma totalidade que integra corpo, mente e contexto social.

Tradicionalmente, os cursos de Medicina foram estruturados a partir do modelo biomédico, que prioriza o conhecimento anatômico, fisiológico e patológico do corpo humano. Embora esse modelo tenha proporcionado grandes avanços científicos e tecnológicos, ele se mostrou insuficiente para responder às necessidades humanas em sua complexidade. Como apontado por Engel (1977), a abordagem médica centrada apenas na biologia tende a fragmentar o cuidado e a desconsiderar os fatores emocionais e sociais que impactam diretamente o processo saúde-doença.

A presença da Psicologia na grade curricular dos cursos médicos contribui para superar essa limitação, promovendo o desenvolvimento de uma visão ampliada do sujeito. Através do estudo dos processos psíquicos, da personalidade, das emoções, da comunicação e dos relacionamentos interpessoais, os estudantes têm a oportunidade de compreender os aspectos subjetivos que atravessam o adoecer e influenciam a forma como cada indivíduo vivencia sua condição de saúde.

Segundo o parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE/CES 3/2014), os cursos de graduação em Medicina devem garantir uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, pautada em princípios éticos e na compreensão da realidade social, cultural e

econômica do país. Essa diretriz reforça o papel da Psicologia como disciplina fundamental na formação de médicos capazes de atuar de forma ética, empática e socialmente responsável.

A literatura científica também aponta benefícios concretos da presença da Psicologia na formação médica. Um estudo conduzido por Lopes et al. (2020), com alunos de diferentes instituições, revelou que os estudantes que cursaram disciplinas voltadas para a compreensão da subjetividade apresentaram maior capacidade de comunicação, melhor manejo das emoções em situações de estresse e maior sensibilidade às necessidades psicossociais dos pacientes.

Além disso, a Psicologia contribui com o processo de profissionalização ao estimular a reflexão crítica sobre temas essenciais da prática médica, como o sofrimento humano, o vínculo terapêutico, a terminalidade, o luto, a medicalização da vida e os dilemas éticos que envolvem o cuidado. Esses temas não podem ser tratados apenas por meio de conteúdos técnicos; exigem formação ética, emocional e sensível, que só é possível através de disciplinas que valorizem a complexidade humana.

Por fim, ao integrar a Psicologia no currículo, os cursos de Medicina também atendem à necessidade de formação em saúde mental, tema de crescente relevância. Em um mundo marcado por altos índices de transtornos psíquicos, ansiedade, depressão e suicídio, tanto entre pacientes quanto entre profissionais da saúde, é fundamental que o médico esteja preparado para reconhecer e intervir nessas situações de forma adequada e acolhedora (LIMA et al., 2022).

Portanto, a inclusão da Psicologia no currículo médico não deve ser vista como um adendo opcional, mas como uma exigência para a formação de profissionais aptos a exercer uma medicina verdadeiramente integral, que reconhece o ser humano em sua complexidade biopsicossocial.

Formação para a escuta, empatia e vínculo

A escuta qualificada, a empatia e a capacidade de estabelecer vínculo são elementos fundamentais para o exercício da medicina humanizada, sendo, por isso, competências indispensáveis na formação do profissional médico. No entanto, essas habilidades, por muito tempo desvalorizadas na formação tradicional, só passaram a receber maior atenção a partir da inserção de disciplinas como Psicologia, que promovem o desenvolvimento de competências interpessoais e emocionais necessárias para a relação médico-paciente.

A escuta ativa consiste na habilidade de compreender verdadeiramente o que o outro comunica, indo além da verbalização superficial. Trata-se de um processo que requer presença, atenção, acolhimento e, sobretudo, suspensão de julgamentos. A Psicologia, ao fornecer ferramentas para o entendimento da linguagem verbal e não verbal, bem como dos mecanismos inconscientes de defesa e resistência, prepara o futuro médico para

perceber nuances emocionais e comportamentais do paciente, que muitas vezes não são ditas, mas manifestadas no corpo e na atitude.

Segundo Carl Rogers (1961), um dos pilares da psicologia humanista, “a escuta empática é aquela que capta com exatidão os sentimentos e significados pessoais que o outro está vivenciando e os devolve a ele, para que possa reconhecê-los mais claramente”. Essa prática, quando aplicada ao campo médico, transforma a consulta em um espaço terapêutico e de confiança, no qual o paciente sente-se acolhido, compreendido e respeitado em sua subjetividade.

A empatia, por sua vez, não é apenas uma disposição afetiva, mas uma competência que pode e deve ser ensinada. Pesquisas demonstram que o ensino de Psicologia nos cursos de Medicina favorece o desenvolvimento da empatia cognitiva e emocional, o que impacta diretamente na qualidade da assistência prestada. De acordo com Ribeiro et al. (2018), estudantes de Medicina que passaram por disciplinas voltadas à compreensão da dimensão psicológica do adoecimento apresentaram maior habilidade de se conectar com os pacientes e menor tendência à comunicação impessoal e mecânica.

Outro aspecto relevante é o fortalecimento do vínculo terapêutico. O vínculo é a ponte que sustenta a continuidade do cuidado e a adesão ao tratamento. A ausência desse vínculo pode gerar desconfiança, abandono de terapias, aumento de judicializações e até agravamento do quadro clínico. A Psicologia contribui para que o futuro médico compreenda que o paciente não é um conjunto de sintomas ou uma doença, mas um sujeito em sofrimento, carregado de medos, histórias, crenças e afetos. Esse entendimento transforma o ato médico em um encontro humano.

Mazzotti e Oliveira (2017) ressaltam que a formação técnica, por si só, não garante qualidade na assistência à saúde. Pelo contrário, profissionais altamente capacitados do ponto de vista técnico podem falhar na escuta e no acolhimento, o que compromete a eficácia do tratamento. Daí a importância de integrar o conhecimento psicológico desde os primeiros períodos do curso médico, possibilitando a construção de uma postura mais ética, empática e reflexiva.

Adicionalmente, a Psicologia também auxilia no desenvolvimento do autoconhecimento do próprio estudante de Medicina. Ao explorar questões como identidade profissional, manejo do estresse, relação com a morte, limites emocionais e mecanismos de defesa, os futuros médicos tornam-se mais preparados para lidar não apenas com o sofrimento do outro, mas com o seu próprio sofrimento. Essa habilidade é especialmente relevante no contexto atual, em que altos índices de burnout, ansiedade e depressão vêm sendo registrados entre estudantes e profissionais da área da saúde (LIMA et al., 2022).

Portanto, pode-se afirmar que a inclusão da Psicologia na formação médica não apenas qualifica a prática clínica, mas humaniza o exercício da profissão. Ela promove um

novo paradigma na saúde, em que o cuidado vai além do corpo físico e se estende à dimensão emocional, relacional e existencial do ser humano.

O ser biopsicossocial na prática médica

A prática médica contemporânea exige do profissional uma compreensão ampla e sensível da condição humana. O conceito de “ser biopsicossocial”, proposto por George Engel em 1977, rompe com o paradigma biomédico tradicional ao incorporar os fatores biológicos, psicológicos e sociais como determinantes da saúde e da doença. Esse modelo representa um avanço significativo na forma como os médicos devem perceber o adoecimento e tratar seus pacientes: não mais como portadores de órgãos falhos ou doenças isoladas, mas como sujeitos inseridos em contextos de vida complexos e interdependentes.

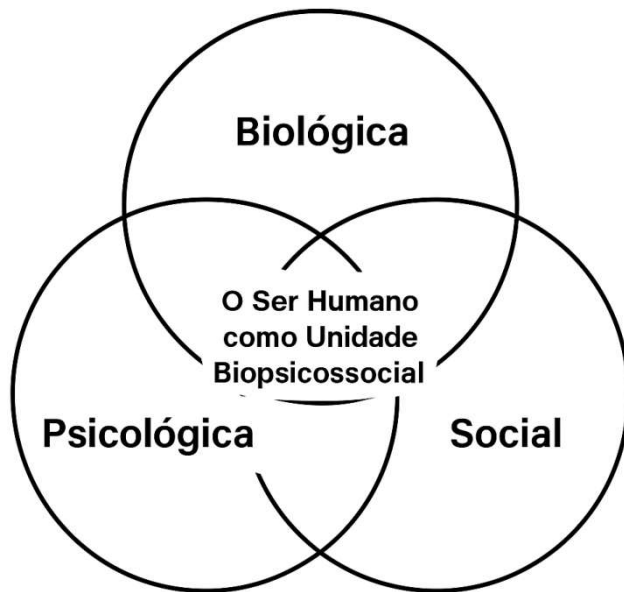
Quadro 1 – Comparação entre os modelos biomédico e biopsicossocial

Aspectos	Modelo Biomédico	Modelo Biopsicossocial
Foco	Doença e órgãos	Pessoa e contexto
Dimensão predominante	Biológica	Biológica, psicológica e social
Relação médico-paciente	Vertical, centrada no médico	Horizontal, centrada no sujeito
Diagnóstico	Baseado em exames e sinais clínicos	Baseado também em história de vida e escuta
Intervenção	Medicamentosa, técnica	Multidisciplinar, integrativa

Fonte: Adaptado de Engel (1977); Almeida Filho (2011).

Engel (1977) sustentava que a doença não ocorre em um vácuo, mas dentro de uma rede de relações que envolvem emoções, cultura, ambiente e histórico de vida. Ao negligenciar essas dimensões, a medicina corre o risco de tornar-se desumana, reducionista e ineficaz. Por isso, a formação médica precisa contemplar esse modelo de forma ativa e estruturada. A Psicologia, nesse processo, é a disciplina que viabiliza tal construção.

Figura 1 – O Ser Humano como Unidade Biopsicossocial



Fonte: Autoria própria (2025).

Ao integrar os conhecimentos psicológicos ao currículo médico, os futuros profissionais desenvolvem a capacidade de reconhecer sinais subjetivos do adoecimento, como angústia, medo, isolamento, sofrimento emocional e transtornos psíquicos, que muitas vezes não se expressam de forma orgânica, mas interferem decisivamente na adesão ao tratamento, no prognóstico e na recuperação do paciente. Como afirmam Campos e Vasconcelos (2018), o sofrimento psíquico não pode ser dissociado do sofrimento físico, e o médico precisa estar preparado para lidar com ambos.

Essa preparação é ainda mais importante diante da diversidade de fatores sociais que atravessam o processo saúde-doença. Aspectos como violência doméstica, pobreza, desigualdade de acesso à saúde, preconceito racial e de gênero, desemprego, entre outros, são componentes que impactam diretamente a saúde mental e física da população. Segundo Almeida Filho (2011), não há como pensar em saúde sem considerar a posição social, a escolaridade, o ambiente familiar e as condições de trabalho do indivíduo.

Nesse sentido, a Psicologia fornece ferramentas teóricas e metodológicas para que o médico possa compreender como fatores externos e internos se entrelaçam na construção da experiência de adoecer. A escuta psicológica, o entendimento das estruturas de personalidade, o reconhecimento de traumas e mecanismos de defesa, entre outros conceitos, enriquecem a anamnese e aprimoram a abordagem clínica.

Em uma pesquisa realizada por Gonçalves et al. (2019), foi constatado que estudantes de Medicina que tiveram contato com conteúdo da Psicologia demonstraram maior capacidade de compreender os contextos sociais e emocionais de seus pacientes, além de relatarem mais segurança na condução de casos que envolviam sofrimento mental ou vulnerabilidade social. Esses alunos também apresentaram maior sensibilidade ética e

menor tendência a julgamentos morais diante de situações complexas, como dependência química ou aborto.

Além disso, a compreensão do paciente como ser biopsicossocial estimula a prática da interdisciplinaridade. Ao reconhecer que a saúde não é um fenômeno exclusivamente médico, o profissional passa a valorizar o trabalho conjunto com psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, nutricionistas e demais membros da equipe de saúde. Esse trabalho coletivo fortalece a integralidade da assistência, princípio básico do SUS e da Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2006).

A Psicologia, portanto, atua como um elo entre o saber técnico e o cuidado humanizado. Ao formar médicos capazes de ver para além do corpo doente, essa disciplina cumpre um papel estratégico na construção de uma prática clínica que respeita a singularidade de cada sujeito. Em um cenário global de aumento das doenças crônicas, do sofrimento psíquico e da medicalização excessiva da vida, torna-se urgente formar profissionais que compreendam que tratar não é apenas prescrever, mas também acolher, escutar, orientar e cuidar.

Quadro 2 – Contribuições da Psicologia na formação médica

Área de atuação	Competências desenvolvidas
Relação médico-paciente	Desenvolvimento da escuta ativa, empatia, linguagem acessível, construção do vínculo terapêutico e acolhimento humanizado.
Saúde mental do paciente	Reconhecimento de transtornos mentais comuns, identificação de sofrimento psíquico, encaminhamento adequado e redução do estigma.
Saúde mental do profissional	Promoção do autoconhecimento, regulação emocional, prevenção de burnout e desenvolvimento da resiliência frente ao sofrimento.
Ética e humanização do cuidado	Capacidade de refletir criticamente sobre dilemas éticos, respeito à autonomia e singularidade do sujeito e empatia cultural.
Comunicação e tomada de decisão	Habilidade para conduzir conversas difíceis, comunicar más notícias e tomar decisões compartilhadas com o paciente e família.

Fonte: Adaptado de Mazzotti e Oliveira (2017); Lopes et al. (2020); Garcia et al. (2021).

Psicologia e a humanização da saúde

A humanização da atenção à saúde é um dos pilares fundamentais das diretrizes que regem o Sistema Único de Saúde (SUS), sendo reconhecida como estratégia essencial para garantir a integralidade, o acolhimento e o respeito à dignidade dos usuários. Nesse contexto, a Psicologia se apresenta como ferramenta indispensável na formação médica, por oferecer os fundamentos necessários à construção de uma prática clínica que vá além do tecnicismo e que promova relações humanas empáticas, éticas e sensíveis.

A Política Nacional de Humanização (PNH), instituída pelo Ministério da Saúde em 2004, destaca que a humanização não se limita a boas intenções ou cordialidade no atendimento, mas refere-se a uma transformação das práticas e das relações entre profissionais e usuários do sistema de saúde. A escuta qualificada, o reconhecimento da subjetividade do paciente, o diálogo, o vínculo e a corresponsabilização são apontados como eixos centrais para essa mudança (BRASIL, 2006). Todos esses aspectos são diretamente trabalhados pela Psicologia, especialmente no campo da saúde.

Campos (2000) destaca que a humanização implica na valorização dos sujeitos envolvidos nos processos de produção de saúde — sejam eles pacientes ou profissionais — e na criação de espaços para o exercício da autonomia, do protagonismo e da responsabilização compartilhada. Isso significa que o cuidado não deve ser centrado apenas na doença, mas também nas necessidades existenciais, emocionais e sociais da pessoa adoecida.

A formação médica tradicional, no entanto, historicamente privilegiou o modelo biomédico, centrado na racionalidade científica, nos exames e nos protocolos, em detrimento da dimensão relacional e subjetiva do cuidado. Esse modelo fragmentado resultou, muitas vezes, em atendimentos impessoais e desumanizados, com impactos negativos na adesão ao tratamento e no bem-estar do paciente. É justamente a Psicologia que contribui para reverter esse quadro, ao capacitar os estudantes de Medicina a compreender o ser humano em sua totalidade, respeitando sua cultura, suas emoções, seu contexto e sua história de vida.

Estudos indicam que profissionais formados com disciplinas voltadas para as ciências humanas e sociais apresentam maior preparo para lidar com questões como terminalidade, sofrimento, morte, luto e comunicação de más notícias; temas que exigem sensibilidade, empatia e preparo emocional (GARCIA et al., 2021). Além disso, a Psicologia promove o desenvolvimento de habilidades interpessoais que favorecem a escuta ativa, a comunicação clara e o manejo de conflitos, aspectos fundamentais para a construção de relações terapêuticas baseadas na confiança.

Outro ponto importante é a contribuição da Psicologia para o fortalecimento da saúde mental dos próprios médicos. O ambiente de formação médica é altamente estressante, competitivo e, por vezes, excludente. Dados recentes apontam índices alarmantes de ansiedade, depressão e esgotamento emocional entre estudantes e profissionais da área (LIMA et al., 2022). A disciplina de Psicologia, ao abordar temas como autoconhecimento, regulação emocional, empatia e cuidado de si, torna-se uma aliada na promoção da saúde mental e da resiliência desses profissionais.

A humanização do cuidado, portanto, não é um complemento, mas uma necessidade. E a Psicologia é um dos caminhos mais eficazes para alcançá-la. Ao integrar essa disciplina à educação médica, é possível formar profissionais mais humanos, mais

atentos às singularidades de cada paciente e mais preparados para construir relações terapêuticas verdadeiramente transformadoras.

Resistências, desafios e perspectivas futuras

Apesar dos avanços na inserção da Psicologia nos currículos dos cursos de Medicina, ainda existem importantes resistências e desafios que dificultam sua plena consolidação como componente essencial da formação médica. Essas resistências estão relacionadas, principalmente, a uma cultura institucional historicamente pautada no modelo biomédico, que prioriza o conhecimento técnico-científico em detrimento das dimensões subjetivas, sociais e emocionais do cuidado.

A fragmentação do saber, comum nas estruturas curriculares tradicionais, dificulta a articulação entre as disciplinas básicas e humanas, criando uma hierarquia de saberes que desvaloriza o papel das ciências humanas e sociais na formação médica. Como apontam Schraiber e Zoboli (2015), a racionalidade biomédica ainda é dominante nos espaços acadêmicos, sustentando a ideia de que a objetividade técnica é suficiente para garantir a qualidade do atendimento — uma visão que desconsidera os determinantes sociais da saúde e a complexidade das relações humanas na clínica.

Outro desafio relevante diz respeito à formação docente. Muitos professores de cursos de Medicina têm trajetória exclusivamente biomédica e pouca familiaridade com abordagens interdisciplinares, o que pode gerar resistência à adoção de metodologias que valorizem a subjetividade, o acolhimento e a escuta como dimensões legítimas do cuidado. Além disso, há instituições que ainda tratam a Psicologia como uma disciplina “complementar” ou “periférica”, com pouca carga horária ou conteúdo diluído em outros componentes curriculares (MATTOS et al., 2020).

Há também obstáculos do ponto de vista discente. Muitos estudantes, ao ingressarem na faculdade de Medicina, carregam expectativas centradas em habilidades técnicas e na aquisição de conhecimentos objetivos. É comum, especialmente nos primeiros semestres, uma resistência a disciplinas que exigem reflexão crítica, análise de comportamento e aprofundamento em conteúdos subjetivos. Essa resistência, porém, tende a diminuir com a maturação acadêmica e o contato direto com pacientes em sofrimento real, nos estágios e internatos.

Apesar dessas barreiras, há sinais promissores de transformação. Reformas curriculares baseadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (CNE/CES 3/2014), a ampliação do debate sobre humanização e saúde mental e o fortalecimento de programas como o PET-Saúde, além da criação de ligas acadêmicas voltadas à saúde mental e psicologia médica, têm promovido mudanças significativas na forma como se concebe a formação médica.

Além disso, diversas instituições de ensino superior vêm adotando projetos pedagógicos mais integradores, com disciplinas como Psicologia Médica, Psicologia da Saúde, Comunicação Clínica e Humanidades Médicas. Essas mudanças indicam uma tendência crescente de valorização das habilidades emocionais e relacionais na atuação profissional, especialmente diante dos novos desafios da saúde global, como o aumento das doenças crônicas, o sofrimento psíquico pós-pandemia e o esgotamento profissional. Segundo Garcia et al. (2021), para que a formação médica seja, de fato, transformadora, é necessário superar os limites disciplinares e promover uma educação que articule teoria, prática e valores humanos. A Psicologia, nesse contexto, deve ocupar um lugar de destaque na estrutura curricular, não apenas como conteúdo isolado, mas como eixo transversal e permanente.

As perspectivas futuras apontam para a necessidade de consolidação de currículos mais humanizados, que formem médicos conscientes de seu papel social e ético, preparados para acolher, escutar e cuidar com responsabilidade. A superação dos desafios atuais depende do compromisso coletivo de gestores, professores, estudantes e formuladores de políticas públicas em promover uma formação médica que valorize, verdadeiramente, o ser biopsicossocial.

3 Conclusão

A presente revisão de literatura permitiu compreender que a inserção da disciplina de Psicologia na educação médica é essencial para a formação de profissionais preparados para atuar diante da complexidade do ser humano como um ser biopsicossocial. A Psicologia, ao abordar aspectos emocionais, subjetivos e relacionais do processo saúde-doença, contribui diretamente para a construção de um cuidado mais integral, ético e humanizado.

Foi possível observar que, ao longo da formação médica, o contato com os conteúdos da Psicologia favorece o desenvolvimento de habilidades fundamentais como a escuta qualificada, a empatia, o manejo de emoções e a capacidade de estabelecer vínculos terapêuticos. Esses elementos, muitas vezes negligenciados pelo modelo biomédico tradicional, são reconhecidos atualmente como determinantes para a efetividade do atendimento e para a satisfação dos pacientes.

Além disso, os estudos analisados revelam que a abordagem biopsicossocial amplia a visão do profissional sobre o adoecimento, incluindo os determinantes sociais da saúde, o contexto de vida dos indivíduos e a dimensão psíquica do sofrimento. A Psicologia, nesse sentido, atua como ponte entre o conhecimento técnico e o cuidado humanizado, fornecendo instrumentos para uma atuação médica mais sensível às necessidades individuais e coletivas da população.

Apesar das evidências positivas, ainda existem desafios estruturais e culturais que dificultam a consolidação da Psicologia como disciplina central nos currículos médicos. Entre os principais obstáculos, destacam-se a resistência de parte do corpo docente, a visão hierarquizada dos saberes e a persistência de práticas pedagógicas desatualizadas. Superar essas barreiras exige vontade institucional, revisão curricular e investimento na formação docente.

Como perspectivas futuras, destaca-se a importância de transformar a Psicologia em um eixo transversal da formação médica, presente não apenas como disciplina isolada, mas como parte de uma abordagem pedagógica integrada, que valorize a interdisciplinaridade, a saúde mental, o autoconhecimento e o compromisso social.

Dessa forma, conclui-se que a presença da Psicologia no ensino médico não apenas complementa a formação técnica do profissional, mas amplia sua capacidade de cuidar com sensibilidade, escutar com atenção e atuar com responsabilidade diante dos múltiplos fatores que constituem o ser humano. Ao reconhecer o paciente como sujeito integral, a Psicologia reafirma sua importância como ferramenta de cuidado indispensável à prática médica contemporânea.

Referências

1. ALMEIDA FILHO, Naomar. O que é saúde? 3. ed. São Paulo: Fiocruz, 2011. 120 p.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS: documento base. 4. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.
3. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer CNE/CES nº 3/2014. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. Brasília: MEC/CNE, 2014. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/37025609. Acesso em: 10 jun. 2025.
4. CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda. São Paulo: Hucitec, 2000.
5. CAMPOS, Gastão Wagner de Souza; VASCONCELOS, Marlene. Saúde mental, atenção psicossocial e reforma psiquiátrica. In: CAMPOS, Gastão W. S.;
6. GUERRERO, Ana V. P. (org.). Manual de práticas em saúde mental. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 19-42.
7. ENGEL, George L. The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. *Science*, v. 196, n. 4286, p. 129-136, 1977. DOI: 10.1126/science.847460.

8. GARCIA, Ana Lúcia Pitta; MELO, Maria Tereza C. L.; SANTOS, Roberta Oliveira. Educação médica e humanização: desafios da formação de profissionais da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, v. 45, n. 3, e117, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.3-20210117>.
9. GONÇALVES, Michele A.; PEREIRA, Amanda L.; FERREIRA, Luan S. A importância da Psicologia na formação médica: reflexões sobre o modelo biopsicossocial. *Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança*, João Pessoa, v. 17, n. 2, p. 48-56, jul./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17696/2318-3691.17.2.2019.1125>.
10. LIMA, Gabriela S.; TORRES, Mariana C.; MEDEIROS, Pedro H. S. Transtornos mentais em estudantes de Medicina: revisão sistemática sobre prevalência, fatores associados e estratégias de enfrentamento. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 75-84, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000354>.
11. LOPES, Tamires S.; MARTINS, Rodrigo L.; FREITAS, Júlia M. Psicologia e formação médica: contribuições da abordagem humanista na educação em saúde. *Revista Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 40-49, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/2238-152X.2020.v14.30677>.
12. MAZZOTTI, Suely; OLIVEIRA, Beatriz A. Ética, empatia e subjetividade na prática médica: uma abordagem psicológica. *Cadernos de Humanidades Médicas*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 25-34, 2017. Disponível em: <https://cadernosdehumanidadesmedicas.unifesp.br>. Acesso em: 15 jun. 2025.
13. RIBEIRO, Gabriela T.; SILVA, Rafael F.; ANDRADE, Luana M. A escuta empática na prática médica: contribuições da Psicologia para a comunicação em saúde. *Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 22, n. 66, p. 455-466, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0695>.
14. ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa: um ponto de vista sobre a psicoterapia*. São Paulo: Martins Fontes, 1961. (Trad. de Maria da Graça M. Setton).
15. SCHRAIBER, Lilia B.; ZOBOLI, Elma L. P. P. Formação médica e humanização da atenção em saúde: uma análise a partir da bioética. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 19, supl. 1, p. 853-864, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0191>.